

OS NOVOS IMPOSTOS MUNICIPAIS

E' para nós uma questão arrumada a dos impostos.

Cumprimos o nosso dever, elucidando as Juntas e o povo.

As Juntas deram á Camara e especialmente ao sr. dr. Chaves o correctivo de que precisava. Porque de hoje em diante a Camara e o seu mandante ficam sabendo que o concelho, povo e Juntas, não são entidades nulas, coisas de pouca monta, de que se disponha como de roupa de franceses.

Dá-nos a «Patria» uma lista dos senadores vareiros que votaram o imposto grelado e que, no seu dizer, são atingidos por ele.

Cada vez mais infeliz, o infeliz jornal, quando se mete em discussões.

Vejamos: Os srs. Antonio Amaral e Rayasio — comerciam em mercaderia e vinhos; Antonio Farraia em relógios; João Alves em paños. Nenhum deles manda generos para fóra do concelho.

Que tem estes cavalheiros com o imposto sobre a pesca e exportação dos artigos que a pauta do concelho menciona — arroz, feijão, kaolina, laticínios, etc.? Nada.

Os srs. José Pinho da Cruz está associado; segundo consta á industria de curtimento de couros; José Marqués de Sá á varias industrias no Porto.

Que tem a industria de curtimento e as industrias do Porto com os impostos camarrarios de Ovar acima mencionados? Nada.

Para que cita então a «Patria» esses nomes? Unicamente para atirar poeira aos olhos dos papalvos. Diz por dizer; escreve por escrever, sem tom, nem som.

Já não succede o mesmo com Silva, Leite & C.^a, L.^{da} de que fazem parte os srs. dr. Alberto Tavares que votou os impostos e dr. Pedro Chaves que os mandou votar.

Estabelecido para esses impostos municipais o sistema da avença, como a «Patria» disse, Silva Leite & C.^a, L.^{da} só tinha a lucrar com tal imposto.

No regime da liberdade em que estamos no concelho essa sociedade vegeta: se mudássemos para o de avença, guias

cos vareiros tendo um chefe que manda e não dirige, que impõe e não discute.

Nós somos o órgão da opinião publica. Seguimo-la, precisamos orientá-la para o melhor caminho, desfazendo-lhe as ilusões, que os seus falsos defensores lhe iam de pouco a pouco inculcando.

Desfizemos a grande lenda dos melhoramentos dos democráticos e preparamos a sua queda.

Protestamos contra as vinganças odiosas contra os presos políticos, e acabamos com a atmosfera de terror que as prisões lançavam, e com que os democráticos procuravam explorar.

Combatemos os impostos novos que o chefe democrático lançou sobre o concelho, atiramo-los ao chão, e assim salvamos o concelho desse escalracho, e do bando de parasitas que ia cair sobre o commercio e a industria da nossa terra.

E' com isso mostramos ao

e tabelamento com Abel de Andrade ou outro igual á frente do concelho, Silva, Leite, tornar-se ia um grande centro comercial.

Não vimos nós que durante o «tabelamento Abel de Andrade» era apreendido o milho ao Curraleiro por o estar vendendo a 4\$000 reis o alqueire, enquanto que outros cavalheiros o vendiam á vontade a 5\$000 reis com conhecimento de toda a gente da vila?

Não vimos então que um só negociante monopolizou todo o commercio do concelho, enquanto os seus colegas tremiam só em se lembrar que podiam ser denunciados por qualquer esbirro?

Como porem temos de escrever desenvolvidamente a historia da politica vareira nos tempos antigos e modernos, e Silva, Leite & C.^a ocupa um capitulo dessa historia, não queremos agora dizer mais sobre o assunto.

Silva, Leite recebeu há poucos dias um vagão de arroz em casca, em parte avariado por efeito da chuva.

Descascado esse arroz e limpo da parte avariada, quando for posto no mercado o preço da venda, por forma alguma, poderá cobrir o seu custo e despesas.

Pergunta-se: quando esse arroz for vendido quem sofre o peso do imposto de exportação? o vendedor que não apurou o preço do custo e despesas; ou o comprador?

Vinagre, Polonia & C.^a comprou uma porção de milho, posto sobre vagão, em uma das estações fóra do concelho.

O vendedor tendo carregado o milho mandou a factura, lançando sobre a venda o imposto municipal do concelho da procedencia. Vinagre, Polonia & C.^a reclamou contra o pagamento desse imposto por não ser condição do contrato. O reclamado atendeu, dando-lhe razão.

Pergunta-se — quem pagou o imposto foi o negociante do concelho que o vendeu, ou o comerciante de fóra que comprou o artigo?

Lemos no «Jornal de Noticias» que com a entrada de

povo que a força dos democráticos era apenas aparente, não tinha base alguma — que é um partido vivendo só da demoralisação das isenções militares e dos empregos.

Órgão dum partido, vivendo para a defeza dos interesses do povo, vemos juntar-se a nós, cada vez mais, homens, á proporção que intensificamos a luta.

Começamos, poucos, a lutar — no jornal e fóra dele. Ninguém se convencia de que em tão breve tempo se unissem tantos homens, que alguma coisa representam no seu concelho.

E' que nós, o nosso órgão, o nosso partido, lutamos pela Justiça e pela Verdade; luta tendo em conta um fim que a todos é simpatico.

E, porque lutamos convencidos de que é necessaria ao bem de todos essa campanha, porquenosimpulsiona o mesmo ideal, o mesmo incentivo, — aos nossos adversarios parece que somos órgão dum só.

muito arroz brasileiro, o arroz no Porto tem baixado tanto, que o nacional, comprado e descascado no nosso concelho, não atingirá, na venda, sequer o preço da compra.

Sendo isto assim, se os nossos comerciantes tiverem de vender em tais condições; quando o preço da compra do arroz fosse agravado com o imposto de exportação, na venda desse arroz quem pagaria esse imposto? quem aqui viesse comprar, ou o negociante que vendia não apurando sequer o preço da compra?

A questão do pagamento do imposto de exportação é de tal forma clara que só quem é chapadamente imbecil ou profundamente ignorante é que pode afirmar ou entender que tal imposto é pago pelo povo.

Ora nós não admitimos que o articulista da «Patria», nosso antagonista, seja uma ou outra coisa. Escrevendo assim vae dizendo, dizendo...

O REGIMEN FLORESTAL

Demonstramos já que a Camara podia vender as enormes superficies de terreno, que possuía ao norte e ao sul da estrada do Furadouro. Podia vender, mas preferiu dallas de presente aos empregados do Estado, pois outra coisa, não foi, entrega-las ao regimen florestal.

Ninguém desconhece que todos os terrenos situados entre o Torrão do Lameiro e o mar estão quasi fixados.

As areias estão paradas merce da vegetação que cobre as baixas e já em grande parte atinge as altas. Por outro lado a indole trabalhadora da gente do Torrão do Lameiro, o crescimento enorme da população deste lugar, leva os seus habitantes a procurar terrenos do lado poente da Ria visto que os não tem bastantes ao nascente.

Os terrenos do Torrão do Lameiro que eram de pouco valor ainda ha anos, atingiram preços exorbitantes ultimamente, apesar de arenosos.

Disto queremos concluir, como toda a gente concluirá, que se a Camara vendesse os terrenos que possuía, entre o mar e o Torrão do Lameiro obteria receitas de algumas dezenas de contos, porque não só teria muitos concorrentes á venda não só dos povos vizinhos, mas mesmo nos de outros logares, que se dedicam ao cultivo de terrenos arenosos.

Os terrenos que ficam ao norte da estrada do Furadouro, vastissimos, tem largas superficies já fixadas pela vegetação.

Não tinham valor e tanto assim que as outras camaras os não venderam — diz o sr. dr. Chaves.

Isto é um erro. Esses terrenos poderiam ter pouco valor ha dez ou doze anos e agora ter muito.

A experiencia está feita, e prova bem o que dizemos.

A Camara, ou antes o sr. dr. Chaves, autor unico do grande melhoramento da entrega ao regimen florestal, naancia de fazer provento dos terrenos municipais embrulhou os do municipio com os que pertencem á freguesia de Cortegaça; que consta dos antiquissimos documentos desta freguesia, antigo concelho.

Pois bem. A freguesia de Cortegaça poz há dias em arrematação o aforamento duma insignificante parte dos terrenos de areia que lhe pertence — terrenos que não são de 5.000 partes uma dos que pertenciam ao municipio de Ovar. Pois a arrematação, logo no primeiro dia produziu a bagatela de 4.000\$000 reis — preço correspondente á remissão.

Nós preguntamos em face deste facto — quanto produziriam os terrenos sitos ao norte e que a Camara deu ao Estado?

Mas se esses terrenos nada podiam dar em praça, com que a autoridade deu a Camara esses terrenos, sem primeiro os pôr em praça, para assim justificar o seu procedimento?

Porque não consultou ao menos as Juntas, porque não fez publicar o proposito em que estava de assim proceder, afim de ouvir o voto, a opinião dos municipes? Para que fez segredo de tão ruim medida.

Pois admite-se que se dê ao Estado aquilo, que vendendo chegava bem para aumentar os rendimentos da Camara a ponto de se realizarem melhoramentos sem qualquer encargo para os municipes!

E é uma corporação destas que vem ao concelho pedir novos impostos, tão disparatados como a entrega dos terrenos que nos pertenciam...

A alienação dos terrenos municipais só pode ter um correctivo — é a Camara reconhecer o erro que fez e pedir já ao Estado que lhes restitua, pagando o municipio qualquer despesa que o Estado tenha feito.

Assim ainda se reparará em parte o erro cometido; mais tarde será impossível, porque as despesas com os empregados e com a administração desses serviços será de tal modo dispendiosa, que os terrenos não poderão com eles.

Tal é o resultado do grande melhoramento com que a «Patria» vinha cantar louvores. Este pode empoeirar com o da coisa da rua da Fonte, e outros mais que para o concelho tem sido apenas... uma desgraça.

SEMPRE A INTRIGA

Lê-se na «Patria»:

«Portanto não há que fugir daqui: Se são, como nós dizemos, os de fóra que pagam quem lucra somos nós todos, pelos beneficios que todos gozamos: se são os de cá que pagam, quem lucra com a campanha do dr. Fragateiro, é o commercio, e quem perde é o povo que paga as coisas mais caras».

Isto não pode ser ditado pela ignorancia... é ignorancia de mais.

De modo que se fosse o commercio de Ovar que pagasse o imposto, só o commercio lucrava com a nossa campanha para atirar para o lixo e o povo perdia por pagar as coisas mais caras.

Ninguém comprehende tal molho de grelos, mas é o mesmo.

Que lucraria o povo com o commercio de Ovar ser sobrecarregado de impostos?

O que é o commercio senão uma parte desse mesmo povo? Se o commercio duma localidade se desenvolve, só o povo lucra.

Porque:

1.º pela grande concorrência, os preços baixam. Onde é mais barato o assucar,

Festa militar no 3.º Batalhão de Infantaria 24

Devendo realizar-se no proximo dia 31, pelas 14 horas, o descerramento da lapide comemorativa dos Mortos da Grande Guerra, seguida de uma Sessão Solene, no teatro desta vila, e desejando a Comissão promotora destes festejos imprimir ao acto a maior solemnidade possivel, vem por este meio convidar todas as pessoas que com a sua presença o queiram abrilhantar.

o azeite, as ferragens, as tintas — em Ovar ou em Maceda? No Porto em Candosa de Vallega?

2.º porque desenvolve o trabalho lucrativo. Tem que fazer os carreiros, os jornalheiros — homens e mulheres.

3.º Porque produzindo um maior desenvolvimento da riqueza, influe em todas as artes e industrias. Constroem-se casas, armazens — gasta-se melhor alimentação e vestuario; educa-se as crianças nas artes liberaes; aumenta a instrução e são mais frequentadas todas as escolas, etc., etc.

Mas isto é tão claro que não pode admitir que a «Patria» tenha escrito aquella... coisa por ignorancia.

Aquilo equivale a dizer aos que por ali tem vivido encostados ás esquinas — repara e vade como ele está a defender os negociantes de pagar impostos quando é certo que os negociantes tem ganho muito dinheiro nos ultimos tempos e voeds não tem ganho coisa nenhuma; eles já que o ganharam que o larguem.

E por esta forma se especula com a inveja dos que passaram o tempo a olhar, enquanto os outros trabalhavam.

A Camara enervada

Grita a «Patria» que é preciso lançar impostos porque a Camara não tem rendimentos para pagar as suas despesas; faltam-lhe pouco mais ou menos 8 contos.

Está bem.

Mas não é só dizer é preciso provar o que se diz.

E' necessario mostrar que se gasta apenas o dinheiro da Camara nas despesas do municipio e não com outros serviços, com outras pessoas, que a Camara não tem obrigação de sustentar.

E' necessario não fazer da administração um segredo fechado a 7 chaves, para que ninguém possa discutir o que lá se passa. E' necessario proceder como as primeiras camaras republicanas que publicavam o resumo das suas deliberações; mas que a actual Camara poz de parte quando começou a dar dinheiro para essa coisa da rua da Fonte.

Mas porque a Camara esconde os seus rendimentos e despesas, nem por isso deixamos de discutir o assunto com os poucos elementos de que dispomos.

Nós asseveramos que as receitas ordinarias e extraordinarias da Camara aumentaram espantosamente; que as suas despesas ordinarias pouco cresceram, mas

esse crescimento não foi em relação ás receitas.

Por isso, só se administrando com economia não deve haver deficit ou falta de dinheiro, mas, aumento ou saldo, maior do que antes.

Examinemos.
A receita ou rendimento da Camara, quando das primeiras vereações republicanas, era formada; salvo erro: pelo imposto do real de agua;

pelos juros das licenças de alinhamento;
pelo rendimento dos bens municipais;
pelas rarissimas multas que se applicava;

pelo imposto de 30 % sobre as contribuições gerais do Estado applicado ás despesas de instrução primaria.

Esta ultima verba hoje elevada a 70 %, e dentro em pouco ainda elevada a 100 %, nada tem para o nosso calculo visto que é cobrada e applicada pelo Estado, não influindo por isso no deficit ou saldo das contas da Camara.

Ficam por isso os outros.

Hoje áquelas verbas de receitas acrece o imposto chamada de porta aberta e outros impostos lançados nas novas posturas.

Daquellas verbas, a das multas que antes era verdadeiramente insignificante, subiu hoje a contos de reis, porque a applicação das multas é um verdadeiro moto-contínuo — quem escapa dos guardas não escapa do citote.

O imposto do real de agua que deve ter baixado alguma coisa no real das carnes verdes, foi coberto a sua falta pela avenca dos depositos que devia ter produzido se se fiscalissem os amigos, mais de 2.500\$000 reis, dando assim um grande excedente.

Dizer a «Patria» que os depositos que não pagam avenca é porque manifestam, não passa duma falsidade para juntar ás muitas que diz — os amigos nem manifestam, nem pagam avenca. Eles não tem culpa alguma; quem tem culpa é quem consente esse abuso. Se não há força para os fazer entrar na ordem, então deixe-se de cobrar avenca dos outros todos — é a moralidade do sapateiro de Braga.

A Camara, segundo os nossos calculos, deve cobrar actualmente, em virtude das novas contribuições e do agravamento crescente das multas, mais 15.000\$000 reis do que as primeiras camaras republicanas.

Nenhuma despesa vimos crescer a não ser a da iluminação da vila — mas essa iluminação é paga por um preço miseravel. Quem tem suportado todos os encargos da Electrica tem sido os particulares, que pagam por eles e pela Camara.

Mas supondo que essa despesa fosse agravada em 3.000\$000 que não foi, fica muito excedendo das receitas.

Os empregados da Camara, não aumentaram, nem em numero, nem em ordenado.

E' possível que tivessem aumentado em alguma coisa as despesas ordinarias sem nós delas termos conhecimento; mas essas despesas não podem ser de tão grande vulto que absorvam o excesso das receitas.

Despesas extraordinarias deve-se fazer. Somos os primeiros a deseja-las, mas dentro do razoavel.

Muitas despesas e grandes melhoramentos fizeram as camaras republicanas antes da

vinda de Aveiro, muitissimas vezes sem comprometerem as receitas municipais, nunca excedendo o seu limite.

Que agora se não fizesse tanto, apesar do aumento extraordinario das receitas, vá, porque esses melhoramentos continuam agora mais caros, mas administrando-se com economias, muito se pode ainda fazer sem recorrer ao imposto.

E' claro que as receitas municipais nunca podem ebeigar, por mais, que aumentem, para gastar-se com a escola da rua da Fonte contos e contos de reis e com outras coisas que tais.

E' preciso que a Camara diga ao concelho em que gastou os rendimentos do municipio em 1920. Se especificadamente publicar as despesas que nesse ano fez, os subsidios que deu sem obrigação para isso, as rendas de casas que pagou, as verbas de iluminação electrica applicada a serviços que não eram seus, a subscrição para coisas em que o concelho nada tinha, é possível que o povo fique edificado sobre a administração municipal de 1920 e o que o espera na administração de 1921.

Não se pedem impostos novos sem se provar:

1.º que legalmente o com escrupulo se cobraram os antigos;

2.º que se zelaram os interesses do municipio, pagando só despesas que o municipio era obrigado a pagar.

Era o que faziam as primeiras camaras republicanas, compostas quasi dos mesmos homens que hoje occupam as cadeiras municipais. Mas os homens de agora sofrem a influencia deleteria dos miamos de Aveiro — o desejo de vingança desorientam os seus mentores — infelizmente.

O NOVO PLANO

O sr. dr. Chaves convidou os vogaes das Juntas para se reunirem hoje na sala da Camara Municipal afim de tratarem dos novos impostos e convence-los a votar, não a estupenda rede varredoura, que primitivamente engendrou, mas outras verbas.

Está visto que mudou de plano.

Agora já não é o ditador impondo a sua vontade: é o mendigo que implora das Juntas que o salvem da camisa de onze varas em que se meteu.

Veremos o que sai de tudo aquilo em que o sr. dr. Chaves usará dos processos do costume occultando a verdade, não dizendo das sinecuras com que tem presenteado aquela escola e o mais.

Pela nossa parte cumprimos o nosso dever.

Agora o resto pertence ás Juntas e ao comercio.

Mas o que podemos de antemão asseverar é que o ditador há de escolher as garras, reduzir as suas pretensões.

Onde estão aquelas arremetidas, quando se supunha mandar, ao afirmar que se as Juntas não aprovasse o projecto se demitaria e que o imposto recairia sobre a propriedade?

Comedia, fita...

Vamos, ele começa já a trilhar o caminho do seu Calvario.

Era justo: as vinganças pessoas, que exerceu, começam a produzir o seu efeito.

Ai! — de rastros perante as Juntas...

Mais uma?

A «Patria» folha corrida dos melhoramentos a paralelepipedo do sr. dr. Chaves, classifica de injurioso o que aqui dissemos a proposito daquela proposta que o chefe silvestre vareiro fez no congresso do P. R. P. — exigindo a todos os congressistas um compromisso de honra para não mais abandonarem o partido. Ora a «Patria» afirma que o dr. Chaves não propuzera este disparate pela forma que nós dissemos; e que os jornais lhe atribuiram, mas o que não nos disse é os termos em que a proposta foi presente aos seus correligionarios. Esclareça-nos a «Patria» a ideia do sr. dr. Chaves para nos penitenciar do disparate de que involuntariamente incorremos. E a respeito do *nem soldado nem desertor*, fica combinado de que a ideia do sr. dr. Pedro Chaves se firma no *nem carne nem peixe* que, para mais clareza das gentes pode ser — *talassa*, na Monarquia, jacobino na Republica.

CARTEIRA MUNDANA

Fizeram anos:

No dia 20, o sr. José de Pinho Saramago e o sr. José Alves Ferreira Ribeiro.

— Em 21, a sr.^a D. Maria Estevam Arala Chaves, esposa do sr. dr. Pedro Chaves, e a sr.^a D. Gracinda Augusta Marques dos Santos, illustre professora da Escola Primaria Superior de Ovar.

— Em 22, o sr. José Duarte de Oliveira Amaral.

— Em 25, o menino Manoel Rodrigues Lirio, sobrinho do nosso amigo sr. padre Manoel Rodrigues Lirio.

— Em 26, o illustre paroco desta freguesia, sr. dr. Alberto de Oliveira e Cunha.

— Em 29, o sr. Antonio Duarte Silva.

Fazem anos:

Amanhã, a sr.^a D. Ester de Sousa Nunes da Silva, dedicada esposa do nosso presado amigo sr. dr. João Nunes da Silva.

— No dia 1 de Fevereiro, a menina Raquel Duarte, filha do sr. Manoel Maria Duarte.

A todos cordeais felicitações.

Noticiario

Pedido de casamento

Pelo sr. capitão Manoel Rodrigues Leite foi ha dias pedida em casamento para o nosso amigo sr. Antonio Gomes de Oliveira a sr.^a D. Emilia Frazão Figueiredo, prendada filha do sr. José Rodrigues Figueiredo, comerciante desta vila.

Partida

Com destido á America do Norte, seguiu ha dias desta vila o nosso presado conterraneo, sr. Manoel Gonçalo Ferreira Dias. Boa viagem e prosperidades.

Delivrance

Teve a sua delivrance, dando á luz uma criança do sexo masculino, a esposa do nosso amigo sr. David Martins.

As nossas felicitações.

Acto

Na Faculdade Tecnica da Universidade do Porto fez ulti-

mamente acto de materias de construção, ficando distinto com 16 valores o nosso conterraneo sr. Messias Cardoso Relvas, a quem cordealmente felicitamos.

3.º batalhão de infantaria 24

Amanhã, pelas 14 horas, deve realizar-se no quartel do 3.º batalhão de infantaria 24 a cerimonia do descerramento da lapide comemorativa dos mortos da Grande Guerra, seguindo-se uma sessão solene no Teatro desta vila, em que farão uso da palavra varios oradores.

A comissão promotora, composta de distintos officiaes daquele batalhão, tem envidado todos os esforços para que aquella cerimonia seja revestida do maior brilhantismo.

Orfeon

A reunião, que como noticia-mos havia sido convocada para o dia 16 no Teatro desta vila, para se assentar na formação dum orfeon, foi muito concorrida de rapazes de Ovar, que ali foram dar o seu apoio e o seu aplauso aos organizadores de tão simpatico como util empreendimento.

O nosso conterraneo sr. Alferes José de Oliveira Pinho expõe á assembleia em frases cheias de entusiasmo, as vantagens da obra sã, educativa e artistica que só procurava realizar, que a par das horas de encanto e de prazer espirital que a todos fazia passar muito haveria de concorrer para o levantamento artistico da nossa terra. Foi muito aplaudido sendo a ideia acolhida com verdadeiro entusiasmo por todos os assistentes. Procedeu-se desde logo á inscrição de orfeonistas, atingindo um numero bastante elevado.

Segundo nos informam iniciaram-se já os ensaios sob a intelligente direcção do nosso amigo e distinto amator de musica sr. Adolfo Amaral, com a valiosa coadjuvação dos srs. Alferes Oliveira Pinho e Padre Rogerio Garcia.

Oxalá em breve os impaticos rapazes se façam ouvir no nosso teatro, proporcionando-nos alguns momentos de encanto e de arte.

Falecimentos

Faleceu ha dias o menino Antonio, estremecido filho do nosso particular amigo sr. Manoel Augusto Nunes Branco, digno chefe da secretaria da Camara Municipal. Sentindo o duro golpe que o seu coração de pai extremoso

acaba de sofrer, enviamos-lhe a expressão sincera do nosso pesar.

— Faleceu tambem no dia 18, o sr. José Freire de Liz, filho do sr. Antonio Augusto Freire Brandão. Rapaz cheio de vida, pois contava apenas 28 anos, viti-mou-o a tuberculose.

— Igualmente faleceu no dia 25, o sr. João de Pinho Saramago. O extinto, que pelas suas excelentes qualidades gosava de gerais simpatias, era pai do sr. Acacio Saramago e irmão do sr. João Maria de Pinho Saramago.

O seu funeral que se realizou no dia seguinte foi muito concorrido.

— Foi tambem ha dias sepultado o sr. Manoel Simões Cravo, pai do nosso amigo, sr. Antonio Simões Cravo de Lima.

A's familias dos extintos enviamos sentidos pesames.

Operações

Em 22 de Janeiro foi operado na sua residencia, rua João de Deus, o sr. Francisco Teixeira de Pinho; e em 28 do corrente, o sr. Antonio Maria André de Sousa, da rua Alexandre Herculaniano, ambos desta vila.

Operou o sr. dr. Nunes da Silva, ajudado pelos srs. drs. João Maria Lopes, e Pereira do Amaral. Os operados estão passando bem com o que sinceramente folgamos.

ANUNCIOS

Agradecimento

A familia do falecido Manoel Simões Cravo agradece a todas as pessoas que lhe apresentaram condolencias e acompanharam o finado á sua ultima morada; e ainda áquelas que assistiram á missa que, pelo mesmo, se rezou na capela de Santo Antonio.

Igualmente, agradece á benemérita Associação dos Bombeiros Voluntarios a sua incorporação no prestito.

Todos os trabalhos tipograficos se executam com perfeição na IMPRENSA PATRIA—OVAR

RAPAZ-APRENDIZ

Para tipografo. Precisa-se na IMPRENSA PATRIA—OVAR

COMPRA TUDO

Tapetes, colchas de damasco, ditas em chita, ditas em linho, relogios usados, damasco avulso, rendas antigas, lenços bordados, louça moderna ou antiga do Japão, India e outra qualquer, caixas de rapé, jarras, dentaduras usadas, legues, quadros, oleos ou gravuras, berlos, dentaduras antigas e modernas, aneis, alfinetes, addressos com pedras finas ou imitação, moedas de prata antigas ou modernas e livros antigos.

Paga bem grandes colleções de selos de Portugal, colonias e estrangeiro.

Paga por altos preços selos D. Maria, D. Pedro, D. Luiz, Antoninos, Henriquinos, etc.

João Monteiro Pereira Junior

Rua do Loureiro, 74 — PORTO

P. S. — Vão ver se os artigos a casa dos vendedores, no caso que não possam mandar, guarda-se o maximo segredo, Basta escrever um postal e morada.

AVIZ

Companhia Reseguradora Portuguesa

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA - CAPITAL 1.000.000\$00 ESC.

Autorizada pelo Governo em portaria de 30 de Junho de 1918 e á exploração de seguros directos por portaria N.º 1766 de 5 de Maio de 1919

Séde Social - Rua de Carmo, 69 - 2.º

LISBOA

Delegação - Rua Mousinho da Silveira, 129

PORTO

Endereço telegrafico VIZA-LISBOA

Endereço telegrafico PORTIVIZA

Telefones: Expediente, 3919 - Administração, 5001

Telefone - 776

DELEGAÇÃO EM HESPAÑA: Calle de Alcalá, 40 - DELEGAÇÃO NO FUNCHAL: José Torquato de Freitas - DELEGAÇÃO DE VILA REAL: Americo Gomes da Costa - Em COIMBRA: Avenida 'Sa da Bandeira, 50-1.º

SEGUROS E RESEGUROS CONTRA OS RISCOS: Fogo casual e proveniente de guerra, de transportes terrestres e marítimos, agrícolas, postais, roubo, contra quebra de cristais, automoveis, gado, etc., etc.

Agencias no Paiz e Ilhas.

CARTEIRA MUNDANA

O Conselho de Administração:

Alberto Correia, Antonio Barbosa, Antonio Cardoso de Sousa, José da Costa Pereira, José Dias da Silva.

Quiosque-Tabacaria

Praça da Republica - OVAR

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

ANGELO GONZALEZ

OVAR

Sempre á venda charutos da Bahia, tabacos nacionais e estrangeiros. Papel para cartas, idem de 25 e 35 linhas, lapis, lapiseiras, canetas, bicos de escrever, papel de fumar, livros, loterias, cervejas, refrigerantes Sameiro, rebuçados, tintas de escrever e copiar, fumadeiras, pomadas preta e de cor para calçado, bolsas de borracha para tacho e muitos outros artigos.

Depósitos á ordem, com o juro de 2 1/2 % e 3 1/2 %.
Depósitos á prazo, com o juro de 3 1/2 %, 4 % e 4 1/2 %, respectivamente a tres, seis mezes e ao ano.

Saques sobre todas as localidades, nos melhores prencios.

Descontos sobre a praça a 6 % ao ano.

Emprestimos caucionados, cambios, coupons e papeis de credito.

ATLANTICA

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital social (Escudos) 500.000\$00

Capital realizado (Escudos) 150.000\$00

Fundo de reserva (Escudos) 150.000\$00

Séde: Largo dos Loios, 92 - PORTO

Receita de 1914 (Esc.)	36.988\$03,5	Sinistros pagos em 1914	21.601\$41
» de 1915	71.197\$29,5	» em 1915	25.903\$15
» de 1916	537.897\$94,3	» em 1916	153.470\$90
» de 1917	3.139.404\$23	» em 1917	1.427.035\$74

Alóra os que se tem pago até esta data

Agencias em França, Inglaterra, Noruega, Suecia, Dinamarca, Espanha e Egito. Seguros contra fogo. Seguros contra fogo e roubo. Seguros contra grèves e tumultos. Seguros agrícolas. Seguros contra quebra de cristais. Seguros de guerra. Seguros marítimos e postais. Seguros contra inundações e enxurradas.

Conselho de Administração:

Manoel Joaquim de Oliveira
Dr. José Maria Soares Vieira
Silvino Pinheiro de Magalhães
Dr. Leopoldo Correia Mourão
Jaime de Sousa
Directores delegados

Agentes em todas as terras do paiz

Comissarios de avarias em todos os pontos do mundo

IMPRENSA PÁTRIA

R. ANTERO DO QUENTAL - OVAR

Execução rápida e perfeita de todos os trabalhos tipográficos.

Impressão a ouro, prata e cores

-ARTIGOS DE PAPELARIA-